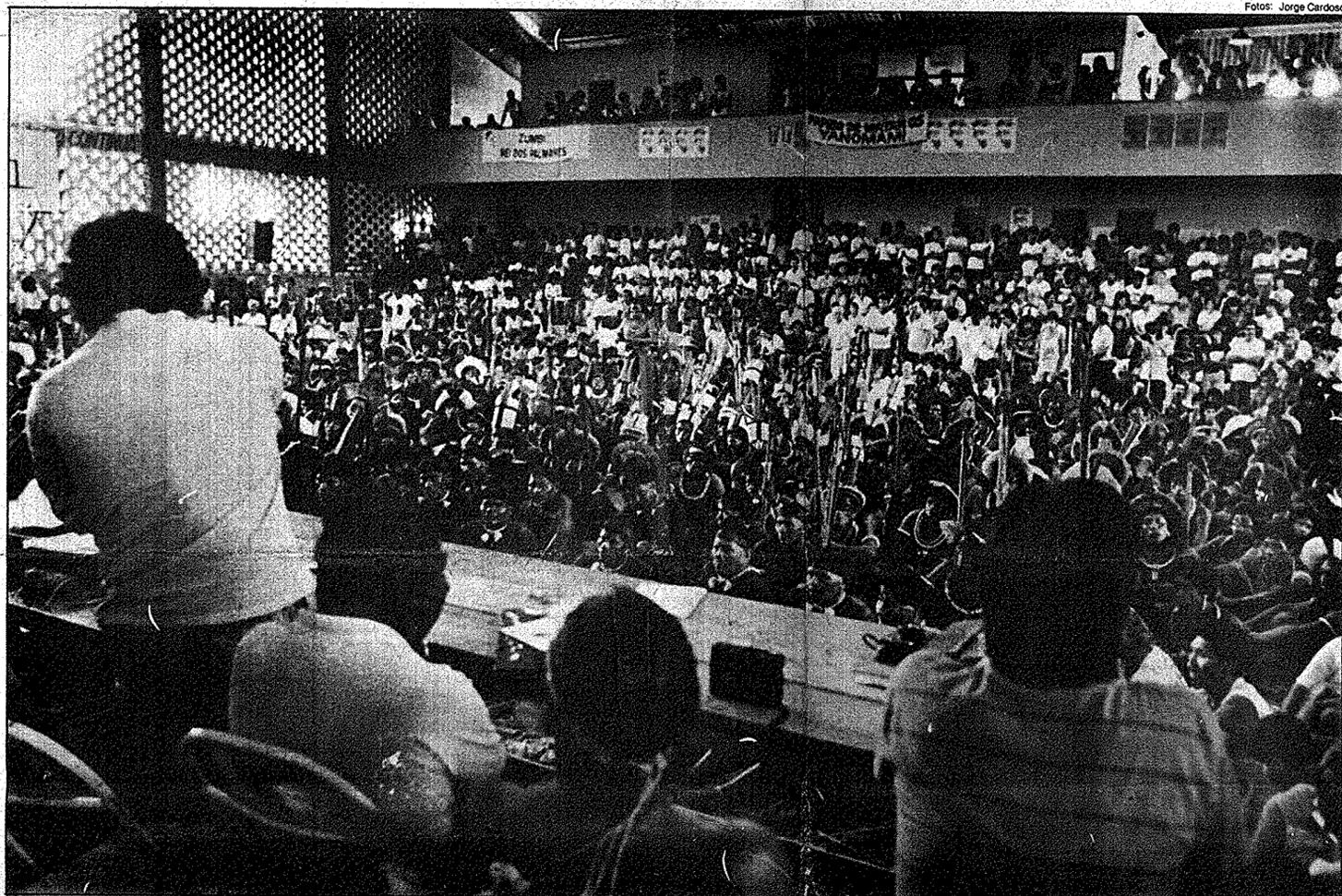


LUX - JORNAL RECORTES LTDA  
SUCCURSAL DE BRASÍLIA

ALTAMIRA

# Cara de festa, pinta de tensão

*Houve mais guerra que celebração nos rituais dos que dançaram para não dançar*



Fotos: Jorge Cardoso

**Encontro tribal na chácara Betânia: as aldeias aceitam a provocação e respondem ao chamado de guerra — Kararáô — que batizava a hidrelétrica**

**Rubens Araújo**

**D** iário de bordo. Altamira, a cidade queijo suíço do Pará (os buracos não param), 18 de fevereiro de 1989. No campo de futebol da Chácara Betânia, 100 índios Caiapó pintados de preto, alguns com fações nas mãos, outros com bordunas, dançam o desafio. Ritual de guerra. Concentração para a batalha que iria começar dois dias após no I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, uma reunião-protesto contra a construção de uma usina hidrelétrica, proposta para o rio Xingu, chamada kararáô. Suado da dança, Krumarê cantava o desejo de diálogo: "Branco ajuda índio que índio ajuda branco".

Kararáô, nome indígena que segundo Bep-Gorotire Paiacan, líder em ascensão dos Caiapó e idealizador do encontro em Altamira, significa "um grito de guerra". O nome do projeto de usina da estatal Eletronorte era uma provocação... um chamado atendido por mais de 500 índios em Altamira. Penas em riste, peito pintado e futuro a se pensar, eles estavam na cidade para saber do Governo Federal por que Kararáô, se estavam em risco "os verdadeiros donos da terra brasileira" e a própria natureza. Temia consequências como as provocadas pelas barragens de Balbina e Tucuruí, que possuem um espectro trágico e vergonhoso em suas costas.

Os índios dançavam o ritual de guerra para não dançar. Paiacan e seus guerreiros queriam lançar ao mundo o temor de serem enrolados mais uma vez por projetos sem discussões prévias. "Os índios não foram convidados para discutir nada", disse o líder em todos os cinco dias do encontro, de 20 a 25 de fevereiro. Dias com cara de ecologia e cheiro de tensão.

Para não se sentir desamparado, Paiacan achou por bem ter a garantia de que a imprensa iria documentar tudo, e, assim forçar um compromisso público da Eletronorte de que a usina de Kararáô não iria prejudicar os índios. Exagerado, ele comentou sobre o I Encontro, em suas viagens pelo exterior no ano passado. Político, o líder falou direto de Altamira, por uma linha que atravessou o Atlântico até Frankfurt, Alemanha: "A barragem vai prejudicar a Amazônia". Era o que os repórteres alemães precisavam para completar uma matéria sobre uma passeata em frente ao

Deutsch Bank contra o empréstimo de dólares do Banco Mundial para os grandes projetos hidrelétricos brasileiros.

Era mais lenha numa fogueira que já está bastante alta. Os ecologistas do mundo inteiro colocam gravetos nesse fogo, cujo coração é o interesse em preservar a Amazônia, terra de ninguém, cujos 200 mil quilômetros de mata foram queimados no ano passado. A mais importante mata virgem do mundo, garantia do bom e velho oxigênio, estava sendo tão bem tratada quanto um cachorro sarnento. Era o que dizia a grande imprensa internacional nas entrelinhas de matérias que eram só estupor.

Os ingleses, alemães, soviéticos e chineses, brancos, amarelos e negros invadiram Altamira para confirmar com os índios essa história meio inacreditável de que a Amazônia passava por maus bocados. Ficaram encantados com os rituais indígenas, folklores que só viam em filmes. Danças bonitas de serem fotografadas. Fotos que com certeza ganhariam capas de jornais e revista. Talvez um prêmio. Mas deram de cara também com uma discussão acirrada sobre um tema difícil: a barragem. Viram que o caminho não era a folclorização. Havia ali uma luta política, confirmada pela organização indígena e, por outra — representante de minorias, a deputada negra Benedita da Silva (PT/RJ): "Isso aqui não é uma manifestação folclórica e, sim, política".

Índio também faz política, muito a seu modo. A arma não é a borduna nem a flecha. É a pressão. Estrelas conscientes da festa eles malharam um governo que "não sabe nada, porque mora na cidade e não na floresta", como disse o Caiapó Kube-I, ou ainda um governo que "não tem vergonha de fazer as coisas escondidas, sem conversar com os índios", segundo o xavante Benjamim. Todos os 500 índios tinham um adjetivo ali para o Governo Federal e nenhum era elogioso.

Uma índia Caiapó, contudo, ao invés de um adjetivo resolveu usar um fação para mostrar sua revolta. Tuíra era uma das primeiras e poucas mulheres que participavam dos rituais de guerra dos índios na chácara Betânia, sempre com sua filha enganchada nos braços. Cara decidida e amarrada, ela parecia incomodada. A cartase aconteceu quando José Antônio Muniz, representante da Eletronorte, foi ao encontro explicar a Usina de Kararáô.

No meio da didática explica-



**Tuíra abrindo os olhos, os ouvidos e a cabeça dos brancos**

ção de José Antônio (segundo a qual a barragem iria inundar apenas 1.220 quilômetros quadrados de terra, não iria prejudicar nenhum índio Caiapó, apenas 400 pessoas que estavam hoje morando na área). Tuíra levantou-se com o fação na mão. Chamou José Antônio Muniz de mentiroso na língua Caiapó e passou o fação na cabeça do engenheiro sob o pipocar dos flashes e das luzes da televisão.

Paiacan acalmou a todos dizendo que aquilo não era nenhum ato violento, e, sim, "um ritual de peitar os inimigos". Tuíra, mais tarde, numa entrevista coletiva, diria que em nenhum momento pensara em matar ou ferir José Antônio Muniz. Com a espontaneidade e objetividade dos indígenas, explicou o que fez naquele dia: "Passei o fação nas orelhas dele, para ele ouvir melhor os índios; passei na boca para ele falar melhor com os índios. Passei na cabeça para ele entender melhor o índio. Só queria que eles vissem melhor os índios".

Mas, quem estava ouvindo os índios ali? A União Democrática Ruralista-UDR, através do Movimento Pró-Usina de Kararáô-Moprk parecia não querer papo, só passeata. A barragem, segundo o Moprk, traria o progresso para Altamira, mesmo que a energia gerada não viesse para a cidade e sim apenas para o Nordeste e Sul brasileiros... Fernando Cesar Mesquita, representante do presidente Sarney, ouviu, mas não falou nada.

Mas, se o governo não ouviu, os representantes dos parlamentos internacionais presentes em Altamira estavam com os ouvidos bem abertos. O deputado belga Paul Staes (do Parlamento Europeu) disse a Fernando César Mesquita que iria lutar contra a Usina, se o governo federal não cuidasse com justiça da Amazônia. O deputado Tam Dallyel, do parlamento britânico, também levou sua voz de descontentamento ao público, embora sugerisse usinas nucleares ao invés de barragens para o Brasil.

Ninguém faz ouvido de mercado, quando está em jogo projetos de grandes e variados interesses, como é o caso das hidrelétricas. E quem não ouviu o grito de Raoni no último dia do encontro? Com sua voz lenta, o cacique prometeu guerra a Sarney, "se ele continuar com suas idéias de construir barragens nas terras de índios". E os índios, mais do que ninguém, gostam de cumprir suas promessas.